

GEOMETRIA

Luiz Roberto Lins ALMEIDA

Ela caminhava, não parecia, mas de mim se aproximava. Não sei por que nunca me dei conta disso antes: ela era meu oposto. Ângulos opostos pelo vértice são iguais. Se bem que, àquela época, eu não pensasse muito no grau dos ângulos, apenas nas curvas que, com eles, poderia traçar. Aproximou-se de mim, numa mesa retangular qualquer, de um bar qualquer pediu um copo cilíndrico de uísque e preencheu-o com quatro cubos de gelo. Percebi que não seria nada fácil calcular o volume do líquido formado, mas podia adivinhar os efeitos daqueles miligramas naquele tão pequeno e frágil corpo. Quando dei por mim, era ela quem calculava os decibéis de minha fala, fingindo-se cativa de minhas divagações sobre números primos. Escoaram-se horas pela eternidade daqueles minutos. Até que abruptamente ela me propôs que lhe equilibrasse uma equação: uma relação tradicionalmente binominal, ela queria transformada em triângulo. Expliquei-lhe que somente conhecia equações simples, que originavam retas ou curvas, como as de seu corpo. Ela sorriu-me um sorriso matemático, frio, calculista. Não. Ela insistia: um triângulo. ¿Escaleno?, ¿isósceles? Não. Equilátero. Fui obrigado a responder que não eu não era quem ela pensava – para essas coisas sou inexoravelmente quadrado.